

## Se se tivessem realizado as BATALHAS DE FLORES...

Adivinhar é proibido — como é uso dizer-se — mas agora já não restam dúvidas que, se se tivessem realizado as nossas festas, ter-se-ia obtido a maior receita de sempre — porque o Carnaval foi antecedido da 30 tépidos dias de sol radioso, que proporcionaram às amendoeiras uma floração verdadeiramente excepcional, o que trouxe à nossa província milhares de forasteiros.

... E só na 4.ª feira de cinzas o tempo mudou, com nevoeiro, frio e chuva... na 5.ª feira.

ANO XII N.º 293  
FEVEREIRO — 16  
1964

QUINZENARIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIAO  
Tel. 154 — R. Monsenhor Boto, 1 — FARO

DIRECTOR

Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRAFICA LOULETANA  
Tel. 216 — R. da Carreira — LOULE

## NO PAÍS DAS FADAS

A riqueza algarvia, durante muitos anos, manteve-se estável. As suas fontes abastecedoras localizaram-se no mar e em terra, qual delas a mais pródiga, uma a fornecer-nos o peixe, e a outra o pão, a carne e as frutas, ambas criadoras de indústrias corretivas.

Os tempos, porém, mudaram; as indústrias, especialmente as que tinham as suas raízes em terra, como as cortiças, procuraram outro clima. O Algarve, hoje, está à mercê daquilo que o solo produz, cujo valor se vai avultando de dia para dia, a caminhar para o abismo, sem regresso.

Senhores lavradores, já algum de vós se deu ao cuidado de saber o lucro obtido, este ano, na vossa colheita de figos e de azeitonas? Esta pergunta está mal feita, porque falo em lucros, quando deveria falar em prejuízos efectivos.

Vamos às azeitonas, por este fruto constar da última colheita retirada da terra. Não quero alarmar ninguém, tanto mais que os meus cálculos podem estar errados.

## O RANCHO DE ALTE brilhou no ESTORIL

Acidental ida a Lisboa por ocasião do Entrudo proporcionou-nos ida ao Estoril onde vimos comé o seu carnaval.

Basto diferente do de Loulé, leva-lhe óbvia vantagem na riqueza dos carros, alguns dos quais devem valer materialmente o equivalente à grande maioria dos que se fazem aqui.

Nesse aspecto é de afastar velejidade de confronto. Outrotanto se não deverá dizer pelo que toca à originalidade e bom gosto. Ai, sim. O nível médio dos nossos carros pede meias aos que por lá circularam este ano. Escrevemos «circularam» pois ao

(Continua na 4.ª página)

rados. Mas se houver quem os faça melhor, só terá os meus aplausos.

Para o efeito, parti da geira de terra por se tratar duma unidade de todos conhecida, e admiti que nessa geira de terra estão plantadas seis oliveiras, cuja existência começou há cinquenta anos. Não digo que estejam em plena produção, por quanto a oliveira é árvore de crescimento lento, mas estão em condições de absorver toda a capacidade criadora do solo. Essas oliveiras podem produzir, num ano como o que findou, que foi de safra, dez arrobas de azeitonas, que um homem e duas mulheres apinharam, possivelmente, num dia de trabalho. Deitem ao homem a jorna de 20\$00, não obstante ter havido quem quisesse mais, tanto num como no outro sexo. O dono da terra empatau nesse trabalho um animal de acarreto e,

(Continuação na 2.ª página)

## AS JUNTAS DE FREGUESIA DO ALGARVE prestaram homenagem ao Sr. Governador Civil

Desejando manifestar a sua gratidão ao sr. Dr. António Baptista Coelho pelo que tem feito em prol dos pequenos aglomerados, reuniram-se-se em Faro, no passado dia 4, os Presidentes das Juntas das Freguesias do Algarve, que ali se deslocaram para prestarem merecida homenagem a quem, com desvelado carinho e zelo, tanto se tem interessado pela solução dos mais prementes problemas que afligem os pequenos aglomerados.

A saudação, contendo dezenas de assinaturas, foi lida pelo Presidente da Junta de Freguesia de Boliqueime, sr. Daniel Costa, e nela se salientava a meritória ação desenvolvida pelo sr. Go-

(Continuação na 3.ª página)

## MESSINES e MONCARAPACHO «salvaram» o CARNAVAL ALGARVIO

Dando uma lição de bairrismo e persistência a vilas e cidades do Algarve, as aldeias de S. Bartolomeu de Messines e Moncarapacho, levaram a efeito com pleno êxito e larga concorrência, as suas Batalhas de Flores.

Os milhares de forasteiros que se deslocaram ao Algarve para admirar o maravilhoso espetáculo que as amendoeiras proporcionaram este ano e os algarvios que se habituaram a divertir-se pelo Carnaval, tiveram assim ensejo de participar em Batalhas de Flores que, embora não tendo o brilho, a graça e o valor das de Loulé, tiveram no entanto o condão de entreter os foliões e servir de passatempo a quantos não poderam conformar-se em

passar o Entrudo em casa.

Mas o proveito que essas terras colheram também é de considerar porque o dinheiro arrecadado terá benéfico efeito para os seus habitantes e pode servir de estímulo para futuras festas.

Mesmo com pouca prática, com poucas possibilidades e sem recintos tão próprios como o de

(Continua na 3.ª página)

## CHEGOU A VEZ DOS CONTABILISTAS

## Os Técnicos de Contas e a PORTARIA 20317

Errar «humanum est» e, na realidade, só a Deus é permitida a infalibilidade. Todo o homem erra mas o reconhecimento dos seus erros e a diligência pela sua correção é faculdade nata sómente do indivíduo de moralidade de sãs principios de educação, inteligência e ponderação.

Um homem de governo escollido por um governante que tanto honesta e intelligentemente dirige os destinos do nosso País há mais de 30 anos tem, forçosamente, reunir estes predicados.

Fundamentando-me nesta convicção sincera, confio absolutamente em que Sua Ex.º o Senhor Ministro das Finanças irá rever, com a justiça que o interesse da grande classe dos profissionais

.. E assim vai o nosso Carnaval

## Aproveitemos ao menos a lição!

Afinal passou-se o Carnaval e não houve Batalha de Flores em Loulé!

Os louletanos não queriam acreditar e ainda fizeram esforços que foram isolados demais para transportar as dificuldades de momento.

E não queriam acreditar... porque já estavam habituados a ver o assunto resolvido «à última hora».

Após as festas do Natal, os louletanos interrogam-se: haverá Carnaval? Há? Não há? Conseguir-se-a fazer a Batalha? E o enigma persiste... até às proximidades do Carnaval (geralmen-

te 30 dias). Nessa altura faz-se a «reunião magna» e fica mais ou menos certo fazerem-se as festas.

Diz-se que a essas reuniões quase que só aparecem pessoas interessadas em que o Carnaval se faça... porque esperam colher benefícios materiais das festas.

Na verdade, será difícil destrinçar, em determinados indivíduos, onde começa a sua paixão pelo Carnaval e onde acaba o seu interesse material, mas os beneficiados já são tantos que, qualquer ano, esses mesmos terão de desinteressar-se... para que os outros não pensem que são

eles que querem que se faça.

Muitas pessoas que costumam fazer carros, naturalmente não farão empenho em gastar dinheiro na sua confecção, mas são incapazes de negar a sua colaboração, se lhes solicitarem e também lhes ficarão mal se pedissem um subsídio. Se não aparecem nas reuniões talvez seja por preferirem ser esquecidas ou solicitadas.

Sim, porque isto de se gastar dinheiro... em proveito dos outros já não é coisa que se faga assim muito espontaneamente.

E verdade que noutros tempos cada família fazia o seu carro e hoje a confecção da maioria é subsidiada pela Comissão, mas também é uma verdade indescrivível que, apesar disso, a receita líquida de que o Hospital tem beneficiado é de longe superior a doutros tempos — mesmo tomando em conta a considerável desvalorização da moeda.

Na tal reunião nomeiam-se Comissões e mais Comissões e entretanto 3 ou 4 pessoas (que sempre as há entre dezenas) metem mãos à obra e a «batalha» contraria o tempo começa.

Choverá? Não choverá? Deus queria que não! E enquanto uns trocavam opiniões, outros trabalhavam, para que as nossas festas fossem dignas das antecedentes.

«Fazem-se» papéis «à la minute», programas à última hora, resolvem-se milhentos problemas

(Continuação na 2.ª página)

(Conclui na 2.ª página)

## Resultaram brilhantíssimos

## os bailes da Comissão do CARNAVAL

Apesar das dificuldades que foi necessário vencer (em escassos dias) e dos receios de que não fossem obtidos os desejados resultados, uma Comissão decidiu evitar que ficassem em suspenso os tradicionais bailes do Carnaval, cujo sucesso tem sido surpreendente.

A ideia inicial foi extremamente feliz porque Loulé tinha absoluta necessidade de organizar 3 bailes em sala suficientemente ampla para corresponder à enorme afluência de forasteiros que aqui se deslocavam para assistir às nossas Batalhas de Flores.

Mesmo com pouca prática, com poucas possibilidades e sem recintos tão próprios como o de

(Continua na 3.ª página)

## O Entrudo em LOULÉ'

A falta das tradicionais Batalhas de Flores não impedia que muitos louletanos aproveitassem a sua bela Avenida para distrações diferentes das habituais, durante os 3 dias de Entrudo.

Assim, o domingo foi preenchido por um festival de ciclismo que atraiu a Loulé numeroso público e resultou um autêntico êxito desportivo e financeiro... para o Louletano.

Apareceram numerosos automóveis com forasteiros para ver a Batalha de Flores e como a entrada da Avenida estava tapada, muitos ainda entraram julgando tratar-se das festas do Carnaval, mas outros perguntaram e partiram.

Na manhã de 2.ª-feira, o sítio das Barreiras Brancas «promoveu»

uma alegre «excursão» a Loulé com muitas dezenas de bicicletas motorizadas que «encheram» a Avenida e desfilaram pelas principais ruas da Vila. Duas furgonetes, com os distícticos carnavalescos, «completavam» a caravana.

Na tarde de 3.ª-feira a Avenida esteve muito animada com uma «burricada» (género de aldeia) que serviu para «entreter» os que não saíram.

Gracejos carnavalescos pintados em veículos tornaram alegre o ambiente... para fazer lembrar que era dia de Entrudo.

Em qualquer dos 3 dias foi notada a presença de muitos forasteiros, que esgotaram as possibilidades de alojamento.



## INSTALAÇÕES DESPORTIVAS

A prática do desporto processa-se como verdadeira necessidade nos povos em compreensível estádio civilizacional, constituindo hoje autêntica preocupação para os responsáveis pelo sector educacional. Na nossa província onde ainda não há muitos anos se praticavam várias modalidades, algumas das quais hoje totalmente votadas ao esquecimento ou ao ostracismo.

Aos novos dirigentes da Associação de Futebol de Faro não foi desde logo alheia a ideia de dar uma maior expansão à prática oficializada daquela modalidade desportiva e é facto que presentemente se estão disputando com carácter distrital provas da 1.ª divisão (qualificação para o Nacional da 3.ª Divisão), Juvenis (distribuídas as doze equipes concorrentes por duas zonas) e Principiantes além de haver o propósito da promoção do Campeonato Distrital de Aspi-

rantes. Uma actividade que nos apraz registar na medida em que envolve considerável número de praticantes e em que existe uma organização oficial tendente à obtenção dos melhores resultados em todos os aspectos. Temos porém que ressaltar o facto de nem todas as equipas intervenientes nestas provas disporem de campo próprio ou de outro nas suas localidades, o que constitui um entrave à perfeita obtenção dos fins em vista e lessando os interesses dos próprios clubes. Esse mesmo factor se verifica nos torneios corporativos, em que algumas Casas do Povo têm que disputar os encontros nas localidades circunvizinhas. Estamos assim em presença de uma necessidade e premente que é a existência de recintos desportivos com as condições exigíveis em terras de grande importância na nossa província. A solução que tem a surgir, sob

(Continua na 4.ª página)

## Caleidoscópio

Por cerca de 500 contos foi adjudicada a construção das casas para magistrados, na última sessão camarária realizada no preterito dia 12 do corrente.

Com tal medida satisfaz-se uma necessidade velha e proporciona-se à Magistratura Judicial e do Ministério Público instalações dignas das suas funções e pessoas, enquanto permanecerem entre nós.

O sítio previsto é a Campina, a norte do actual estádio. Fica algo distante do centro da vila? É possível, todavia, por falta de terrenos na zona mais central e de verbas para os adquirir, não é possível edificar em sítio mais cômodo, semelhantemente se diz do Palácio da Justiça que igualmente já valeu deslocação a Lisboa de uma representação camarária onde se avistou com o

senhor Ministro da Justiça que, para melhor ajuizar do pedido, se deslocou a Loulé.

Por sugestões cuja iniciativa sabemos não pertencermos à Câmara foi encarada a hipótese do actual edifício à Praça da República em virtude do Ministro ter encontrado como único senão: a dificuldade do acesso às instalações actuais.

Como tal dificuldade não é de molde a justificar as onerosas obras da sugerida ligação, nem o estado do edifício, a construção do novo Palácio da Justiça, pelo titular da pasta acima referido foi decidido que a satisfação da pretensão aguardasse outra oportunidade.

Assim foi tratado o problema.

M. M. G.

Agostinho Correia, do Alpiarça — venceu o Circuito de Loulé

Promoveu o Louletano Desportos Clube, no domingo, dia 9 um festival de ciclismo, na Avenida José da Costa Mealha em que participaram atletas do clube organizador e do «Águias de Alpiarça».

Com a presença de numerosa assistência disputou-se a primeira prova na categoria de amadores, no sistema de eliminações, da qual saiu vencedor Alberto Duarte, do Louletano.

Na segunda corrida, (20 voltas à «americana» para independentes), foi vencedor Amílcar Mateus (Alpiarça), com 24 pontos;

seguido de Vitor Tenazinha (21) e Perna Coelho (13), ambos do Louletano.

Realizou-se depois, outra prova para amadores, (15 voltas em linha) saindo vencedor Francisco Apolo, seguido por Alberto Duarte e João Simões. Nas provas para amadores só se inscreveram ciclistas do Louletano.

Bruno

# No País das Fadas

(Continuação da 1.ª página)

conquanto não pagasse aluguer por se tratar de animal do seu estabulo, não deixou, contudo, de sobrecarregar a diária com mais vinte escudos, o que, aliás sucede permanentemente, só com a alimentação do bicho. As oliveiras carecem de lavouras anuais, e a geira, a que há pouco nos referimos, custou, no inverno passado, cerca de sessenta escudos; mas há mais: há um homem que compôs a lavoura atrás do arado e colheu os carrascos que iam ficando espalhados pela terra, operação de certo modo indispensável, cujo custo está compreendido na jorna usual de trinta escudos.

Nesta altura estamos no balanço das despesas avolumado com 180\$00, contra o total da receita que foi de 150\$00, dado que as azeitonas, vendidas no mercado corrente, este ano baixaram para quinze escudos à arroba. Logo, um prejuízo de trinta escudos diários, num cômputo de um homem e duas mulheres à jorna, no espaço bucinco duma jefra — Uma pechincha! — não acham?

Aqui paramos para lembrar que as oliveiras são árvores bens na produção, mas não o são na despesa; carecem de adubações e limpezas frequentes, pagam contribuição predial de um ano a ano, e direitos de transmissão que se revezam todos os vinte anos; exigem o seguro do pessoal de trabalho, e a terra, onde as oliveiras foram plantadas, representa capital investido, que, como todo o capital, tem direito a juros. E depois são licenças e derramas para isto, para aquilo e para aquêloutro, etc. Com tais encargos, a não ser que surjam novos recursos na margem oposta, a exploração de oliveiras, no Algarve, é não só um absurdo, como cria, naqueles que vivem da pequena propriedade, uma noção de afronta, um estado psicológico de permanente irritabilidade.

Todavia, é hoje moda falar-se em reconversão agrária quando um determinado ramo cai em falência. Eu não posso avaliar das possibilidades dessa operação; mas suponhamos que a reconversão se pode fazer, e, neste caso,

## Os Bailes da Comissão do CARNAVAL de LOULÉ

(Continuação da 1.ª página)

que, além de vantajoso, era necessário continuar a realizar os bailes para maior fama do nosso Carnaval.

Este ano, mesmo sem Batalha de Flores, pareceu conveniente manter a tradição dos 3 bailes para que, ao menos de noite, o público se pudesse divertir. E ainda bem que foi possível organizá-los porque resultaram tão animados que os classificaram como os melhores bailes de Carnaval realizados ao sul do Tejo.

É fácil compreender que assim possa ser se se disser que nestes bailes é verdadeiramente contagiativa a alegria e a animação das pessoas que neles participam, as quais sabem brincar sem ofender e divertir-se sem molestar.

Aconteceu até, serem os bailes mais animados dos últimos tempos. Com uma excelente orquestra, a Blue Star Melody, de Setúbal, com alguns divertimentos de muito agrado, entre eles as Eleições dos Reis da Folia, os Concursos da Bossa Nova e do Twist, e por último a leitura do Testamento do Carnaval de 1964 e as espantosas imitações do louletano Tó Leal, tudo contribuiu para que os 3 bailes resultassem num êxito recreativo e financeiro.

A assistência de forasteiros e locais, sobretudo esta última que era composta por algumas das mais ilustres personalidades do meio e das melhores famílias da nossa sociedade, deu uma animação e alegria fora do comum ao empreendimento que teve fins benéficos.

vamos arrancar as oliveiras e substituí-las por outra coisa. Que coisa? — Figueiras? Nem pensar nisso! — Se uma coisa é ruim, a outra não lhe fica atrás. Estão ambas sob o controlo de tabelas.

Restam as alfarrobeiras e as amendoineiras, como última tentativa. Porém, quem está calejado no ofício, sabe muito bem que essas árvores não se substituem umas pelas outras sem olhar às condições do solo. E o solo que manda em relação a cada espécie, notando-se verdadeiro antagonismo entre alfarrobeiras e oliveiras: as primeiras são para terrenos de encosta, ao passo que a oliveira prefere a várzea, o mesmo solo onde a figueira se cria e desenvolve; e depois ainda há a composição química do solo. A amendoineira é fruste na produção, como toda a gente sabe.

A arborização do Algarve já está feita e não será fácil encontrar espécies mais adaptáveis do que as existentes, cuja exploração representa o somatório de muitos anos de experiência em confronto com outros aproveitamentos. Uma nova experiência em grande escala traria como resultado a paralisação da vida agrária da Província por um espaço de tempo nunca inferior a meio século. Entretanto, quem responderia pela subsistência de milhares de pessoas que ficavam sem pão e sem recursos de qualquer espécie?

Evidentemente que teriam de mudar de vida, mudar de profissão. Mas muda-se assim de vida e de profissão, quando o corpo está exausto e a vida prestes a sumir-se? — São fatalidades que a História não perdoa!

O que parece fora de dúvida é que a caminhar-se sob o jugo de tabelas absolutas, a contrastar com salários cada vez mais altos, devido à rarefação da mão-de-obra, breve teremos no Algarve e em outros pontos do País, vastas extensões de terras abandonadas a que se poderá chamar *zonas mortas*, e que atingem essa fase por virtude da sua exploração se tornar deficitária. Não faltará, nessa altura, quem ache oportunamente proceder ao emparelhamento da propriedade rústica e fazer a reconversão de culturas, para depois parcelar e entregar as parcelas a novos donos, apontando essa medida como reforma agrária do mais alto significado económico. Dêem-lhe o nome que quiserem, mas isto de transferir a propriedade de uns nomes para outros sob o pretexto de que os novos donos administrarão melhor ou que a terra rende mais, afigura-se-nos malabarismos que não convence toda a gente. Os países da *cortina* de ferros fizeram-no por princípios doutrinários, dentro da lógica marxista; os resultados creio que não são nada lisonjeiros para a causa, nem sob o aspecto económico, cujo coeficiente de produção está a baixar, nem sob a forma doutrinal, onde predominava a hierarquia, talvez mais afrontosa que o patronato.

Todavia, se há uma razão doutrinal que serve ao comunismo, tal razão não se coaduna com a lógica daqueles que afirmam o contrário e que se dizem anti-comunistas, a não ser que a lógica esteja virada de avesso, o que aliás recusamos a acreditar.

Voltando ao nosso tema: Como a exploração da oliveira está protegida por uma lei antiga, que proíbe o arranque da árvore, esta terá que manter-se, embora em estado deficitário, como atrás se provou. O que não está, porém, proibido é a falta de tratamento da árvore, e será por ai que os respectivos donos terão que começar. Não as lavram, não as cavam e dentro de alguns anos a espécie ficará reduzida a troncos secos, como está a suceder à figueira e sucederá, mais tarde, a toda a flora algarvia, dado que todo o tratamento implica em despesas.

Perder, em anos sucessivos, é que se torna literalmente impossível. Ningém perde aquilo que não tem. Mas o abandono, esse terá de ser fatal, se novas medidas não vieram remediar aquilo que já hoje representa um sério prejuízo e uma fatalidade congénita.

Tudo isto avulta como consequência da falta de organização da Lavoura Algarvia. Assim o querem, assim o têm.

Gil Brasino

**TODOS OS FIOS DE LÃ PARA TRICOT**  
ENCONTRA, POR MELHOR PREÇO, NO NOSSO DEPÓSITO  
ROMETIRA



ENVIA-SE AMOSTRAS \* REMESSAS \* COBRANÇA

## Ao Comércio e Indústria

### GUARDA-LIVROS

**CONTABILISTA-PERITO**, com escritório próprio, encarrega-se de assistência e legalização de assuntos de **CONTABILIDADES**. Organização em conformidade com a actual LEI FISCAL, sobre Sociedades e Firmas Individuais (Grupos A-B-C) do novo Código da Contribuição Industrial.

**RESPOSTA:**  
em **LOULÉ** — Rua Ribeiro da Graça, 21  
em **LISBOA** — Rua Ferreira Borges, 109 - 4.º Esq.  
Telefone 684973 — (Escritório Central)

«A VOZ DE LOULÉ»  
N.º 293 — 16-2-1964

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

#### 1.ª publicação

Pela segunda secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm editos de **vinte dias**, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados **Torquato Duarte Oliva** e mulher **Maria Isabel Pinto da Costa Águas Oliva**, e **Teresa Duarte Oliva** ou **Maria Teresa Duarte Oliva**, viúva, moradora em Alcantarilha, comarca de Silves, para no prazo de **dez dias**, posterior àquele dos editos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença com processo ordinário que Joaquim Pontes Faísca, casado, industrial, residente em Fonte de Boliqueime, comarca de Loulé, move àqueles executados.

Loulé, 8 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
(a) Henrique António Samora de Melo Leote

Verifique a exactidão

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto Santos

«A VOZ DE LOULÉ»  
N.º 293 — 16-2-1964

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO

O Doutor José António Carapeto dos Santos, Metrissimo Juiz de Direito na Comarca de Loulé. Faz saber que, no dia **VINTE UM** do próximo mês de FEVEREIRO, pelas ONZE HORAS, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de **EXECUÇÃO POR CUSTAS E SELOS** que o Digno Agente do Ministério Público, nesta comarca move contra **JOSÉ FARRAJOTA DE FREITAS**, separado judicialmente de pessoas e bens, agricultor, ausente em parte incerta da França e cuja última residência conhecida no país foi na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, desta vila de Loulé, se há-de pôr pela segunda vez em praça e arrematar a quem maior prego oferecer acima do que a seguir vai indicado, O DIREITO E AÇÃO À MEAÇÃO DO EXECUTADO NOS BENS DO SEU DISSOLVIDO CASAL COM MARIA DAS DORES RAMOS E BARROS, o qual vai à praça por **DEZ MIL ESCUDOS**.

Perder, em anos sucessivos, é que se torna literalmente impossível. Ningém perde aquilo que não tem. Mas o abandono, esse terá de ser fatal, se novas medidas não vieram remediar aquilo que já hoje representa um sério prejuízo e uma fatalidade congénita.

Tudo isto avulta como consequência da falta de organização da Lavoura Algarvia. Assim o querem, assim o têm.

Gil Brasino

O escrivão de direito da 1.ª secção,  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão

Verifique a exactidão:

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

## Aproveitemos ao menos a lição

(Continuação da 1.ª página)

contraditórios comentários, não só em Loulé, como também em todo o Algarve.

Apesar de ter a sua eleição garantida pela apresentação da lista única, a actual Mesa pode verificar que a maioria dos Irmãos da Misericórdia estava solidária com a sua actuação, através de percentagem de votos de tal modo elevada, que foi a maior de sempre. Esse facto sintetizou também a confiança que os louletanos depositavam em quem nos últimos 3 anos dirigiu os destinos do seu Hospital.

Por isso, foi com verdadeira surpresa e espanto que os louletanos tomaram conhecimento de que um dos factores que levaram a Mesa a não promover as festas de Carnaval, era precisamente o receio da falta de apoio, pois nem todos podem descontar razões que mal se adivinhavam.

Mas a Mesa sabia dos seus fundamentados receios e os louletanos que têm acompanhado o desenrolar dos últimos acontecimentos também sabem a origem dessas preocupações.

A situação nas nossas províncias ultramarinas, a debilidade económica do nosso comércio, da agricultura, da indústria, da população em geral — só por si — não teriam sido razões suficientemente fortes para a Mesa tomar uma tal decisão. Foi todo um conjunto de circunstâncias a que se alou uma presumível falta de tempo (mal aliás já crónico nos outros anos); o facto de o Carnaval coincidir nos primeiros dias de Fevereiro que podiam ser de chuva (também em Março ou Abril pode chover), mas que, por outro lado, era afinal uma vantagem, pela simultaneidade com a pujança da floração das amendoeiras. Tudo isto, para não falar de tantos problemas que é preciso resolver com decisão, energia e acerto, fez com que a Mesa hesitasse primeiro e decidisse depois em não promover as festas.

Com lógicas razões, há muita gente que entende que é a Mesa que deve competir promover os refeitos, porque é seu dever zelar pelos interesses do Hospital e como o produto da festa reverte integralmente para aquela instituição, logo, parece natural que seja ela a principal interessada. No entanto, geralmente não tem sido assim. A Mesa apenas tem encetado as primeiras diligências e, depois nomeia uma Comissão Organizadora.

É mesmo quando os componentes da Mesa nada têm feito, o êxito das festas tem sido assegurado pelos «carolas» que sempre aparecem... nem que seja à ultima hora.

Componentes da actual Mesa promovem os festeiros da Batalha de Flores de 1961, (das 12, 13 e 14 de Fevereiro) e a sua deliberação de não fazer as festas de Carnaval de 1962 foi bem aceite porque a Nagão estava de luto por causa de Goa. Devido a um inquérito que pediu, a Mesa estava afastada das suas funções por altura do Carnaval de 1963. O Hospital esteve confiado a uma Comissão Administrativa que afinal nem sequer teve que trabalhar para que o êxito das festas fosse assegurado.

Um ano de «descanso», parecia lógico que pudesse contribuir para uma melhoria de nível artístico dos carros, mas tal não aconteceu... porque de novo foi tudo feito à pressa.

Portanto, é ninguém resta dúvida de que foi erro a desistência de se realizarem as nossas festas.

Foi a Mesa da Santa Casa da Misericórdia que, por si, assumiu essa responsabilidade, e acreditamos que cedo reconheceu ter falhado nessa deliberação. E falhou principalmente, porque não promoveu a habitual reunião em que publicamente se tem decidido fazer o Carnaval. É possível que essa reunião tivesse falhado, mas se tal acontecesse a culpa passaria a ser dos louletanos, que não compareceram a oferecer a sua colaboração. Seria praticamente a Vila a assumir a responsabilidade de não fazer as suas festas e não apenas a entidade a quem afinal deve interessar fazê-las, porque delas tem colhido muitos benefícios.

Por isso, a deliberação da Mesa — por precipitação — foi acomodada com surpresa e espanto e provocou os mais disparatados e

### UM ESTABELECIMENTO DE BOM GOSTO

### AO SERVIÇO DO PÚBLICO DE BOM GOSTO:

## Mobiladora Moderna

Praça da República, 8

LOULÉ

António Simão Viegas

Ao inaugurar o seu novo e amplo estabelecimento, cumprimenta o Públiso de Loulé e agradece uma visita.

MOBÍLIAS COMPLETAS EM TODOS OS ESTILOS  
MÓVEIS AVULSO E ARTIGOS DE DECORAÇÃO  
A PREÇOS ACESIVÉIS

contraditórios comentários, não só em Loulé, como também em todo o Algarve.

Apesar de ter a sua eleição garantida pela apresentação da lista única, a actual Mesa pode verificar que a maioria dos Irmãos da Misericórdia estava solidária com a sua actuação, através de percentagem de votos de tal modo elevada, que foi a maior de sempre. Esse facto sintetizou também a confiança que os louletanos depositavam em quem nos últimos 3 anos dirigiu os destinos do seu Hospital.

Por isso, foi com verdadeira surpresa e espanto que os louletanos tomaram conhecimento de que um dos factores que levaram a Mesa a não promover as festas de Carnaval, era precisamente o receio da falta de apoio, pois nem todos podem descontar razões que mal se adivinhavam.

Mas a Mesa sabia dos seus fundamentados receios e os louletanos que têm acompanhado o desenrolar dos últimos acontecimentos também sabem a origem dessas preocupações.

A situação nas nossas províncias ultramarinas, a debilidade económica do nosso comércio, da agricultura, da indústria, da população em geral — só por si — não teriam sido razões suficientemente fortes para a Mesa tomar uma tal decisão.

Componentes da actual Mesa promovem os festeiros da Batalha de Flores de 1961, (das 12, 13 e 14 de Fevereiro) e a sua deliberação de não fazer as festas de Carnaval de 1962 foi bem aceite porque a Nagão estava de luto por causa de Goa. Devido a um inquérito que pediu, a Mesa estava afastada das suas funções por altura do Carnaval de 1963. O Hospital esteve confiado a uma Comissão Administrativa que afinal nem sequer teve que trabalhar para que o êxito das festas fosse assegurado.

Com lógicas razões, há muita gente que entende que é a Mesa que deve competir promover os refeitos, porque é seu dever zelar pelos interesses do Hospital e como o produto da festa reverte integralmente para aquela instituição, logo, parece natural que seja ela a principal interessada.

No entanto, geralmente não tem sido assim. A Mesa apenas tem encetado as primeiras diligências e, depois nomeia uma Comissão Organizadora.

É mesmo quando os componentes da Mesa nada têm feito, o êxito das festas tem sido assegurado pelos «carolas» que sempre aparecem... nem que seja à ultima hora.

Componentes da actual Mesa promovem os festeiros da Batalha de Flores de 1961, (das 12, 13 e 14 de Fevereiro) e a sua deliberação de não fazer as festas de Carnaval de 1962 foi bem aceite porque a Nagão estava de luto por causa de Goa. Devido a um inquérito que pediu, a Mesa estava afastada das suas funções por altura do Carnaval de 1963. O Hospital esteve confiado a uma Comissão Administrativa que afinal nem sequer teve que trabalhar para que o êxito das festas fosse assegurado.

Portanto, para que a Batalha de Flores de

# Notícias pessoais

## ANIVERSARIOS

Fazem anos em Fevereiro:  
Em 4, a sr.<sup>a</sup> D. Leonilde Cen-  
teno Mendonça Carrilho,

Em 18, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Serafina  
do Rosário Campina, residen-  
te na Venezuela.

Em 19, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Judite  
Lourenço Pedro Inés.

Em 20, as sr.<sup>as</sup> D. Fernanda  
Rodrigues Jerônimo e Maria Ma-  
dalena Teixeira Farrajota Cava-  
co e a menina Zilda Maria Car-  
rusca Agostinho, residente na Ve-  
nezuela.

Em 22, o sr. José Luís Cristi-  
na, residente em França, o me-  
nino José Avelar Ramos Plácido,  
residente em Lisboa e a menina  
Julietta Maria das Neves Marti-

Em 23, o sr. Dr. Ventura José  
Rocha Gomes, residente em  
Olhão e o sr. Augusto Vicente  
Duarte, e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Je-  
sus, residente no Palmeiral.

Em 24, o menino Francisco Se-  
rafim Campina, residente na Ve-  
nezuela e as sr.<sup>as</sup> D. Maria Anto-  
nieta Costa Fernandes e D. Ma-  
ria Odete Costa Fernandes Cael-  
ros.

Em 25, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Olávia  
Cristóvão Ricardo Morgado, os  
srs. José Matias Cardoso Ramos  
e Barros, Carlos Martins Elias e  
Sérgio Gonçalves Matias e a me-  
nina Maria da Trindade Pinto  
Nunes.

Em 26, o sr. Manuel Rodrigues  
Cebola, a menina Maria da As-  
sistência Faisca Zácarias, residen-  
te na Venezuela e Maria da Pie-  
de Vairinho Calicó.

Em 27, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Ga-  
briela Lopes Quinta e D. Maria  
Irene Teixeira Pires, residente  
em Salir, os meninos José Maria  
da Palma Ralheta, residente na  
Venezuela e Cristóvão Manuel  
Luis Cristina e o sr. Francisco  
dos Santos (Casa Rota).

Fazem anos em Março:  
Em 1, as meninas Maria Ar-  
mada Ramalho Viegas, Isabel  
Maria Fogaca da Costa e Maria  
dos Prazeres Guerreiro Bernardo  
e o sr. Adrião João do Nasci-  
mento.

Em 2, o sr. João de Sousa Nas-  
cimento.

Em 3, as meninas Maria Her-  
mínia Barros Pinguinha e Ma-  
ria Teresa Figueiras Pereira.

Em 5, os srs. Teófilo Pinto Ma-  
zagão e Emiliano Laginha Ra-  
mos e as meninas Maria Júlia  
Nunes Correia e Maria Helena  
Vicente Duarte e o menino Joa-  
quim Coitim Nunes.

## SALIR

A todos os nossos assinantes  
residentes nesta freguesia que  
ainda não pagaram os recibos  
das suas assinaturas referentes  
ao ano de 1964, muito agradecemos  
o especial favor de provi-  
denciarem a sua liquidação no  
mais curto espaço de tempo pos-  
sível directamente a esta redac-  
ção, pois de contrário ver-nos-  
mos forçados a suspender a  
remessa do jornal, visto ter fe-  
cado inicialmente estabelecido  
que o pagamento das assinaturas  
seria efectuado adiantadamente.

## O RANCHO DE ALTE

(Continuação da 1.ª página)

que vimos e ouvimos, mais folia  
e brincadeira se registam em  
qualquer placa da nossa avenida  
do que em todo o círculo do aristocrá-  
tico Estoril, expressão má-  
xima das realizações turísticas  
nacionais que já tardam em vol-  
ver os olhos para o nosso Algar-  
ve.

Foi-nos grato apreciar a sim-  
patia e admiração suscitados pe-  
lo Rancho de Alte, sempre pre-  
sente nos 2 dias de batalhas de  
flores, marcando posição à altura  
da rica tradição do carnaval de  
Loulé e, exprimindo como que  
uma mensagem que nos três rá-  
diosos dias veio à mente de to-  
dos os algarvios: haja o que houver,  
Loulé não pode perder as  
sua batalhas de flores!

F.

MORGADOS — FRUTOS — PEIXES — CESTINHOS

*Doces Regionais*

J. C. Fernandes

LOULÉ

ALGARVE

PORTUGAL

O MELHOR QUE HÁ EM DOCES  
FABRICO ESPECIALIZADO

BOLOS PARA CASAMENTOS E ANIVERSARIOS

## O PERIGO ANDA NAS ESTRADAS

### Um pequeno acidente provocou um grave desastre

Por cerca das 19 horas do dia  
5 do crt., na estrada municipal,  
próximo da Ribeira de AIGIBRE  
(ALTE), um ciclista atropelou  
um bácoro do sr. José Grossos  
Dias e ambos ficaram na estrada  
discutindo.

Entretanto, surgiu uma fur-  
goneta conduzida pelo comer-  
ciente da praça de Loulé, sr. An-  
tonio Tomé Guerra que reduziu  
os faróis para médios por alguem  
lhe ter dado sinal de parar. Por  
este facto, não reparou nos bá-  
coros que ocupavam a estrada e  
foi de encontro à vara, matando  
7 animais e ferindo 4.

O veículo colheu também os  
srs. José Grossos Dias, de 29 anos,  
negociante de gado, morador em  
Vale da Boa Hora e Francisco  
Viegas, de 59 anos, residente na  
Ribeira de Alguebre, ambos casados.  
Transportados os feridos ao  
Hospital de Loulé pela furgoneta,  
que os atropelou, o primeiro che-  
gou já sem vida e o segundo foi  
operado de urgência e continua  
internado.

### Automóvel contra uma carroça

Por motivos que se ignoram, o  
sr. Mário Nápoles Pacheco, te-  
cnico dos Serviços Meteorológicos  
Nacionais, em viagem de Faro  
para Portimão, no dia 3 do corrente,  
embateu violentemente no

sítio da Maritenda, com uma  
carroça que seguia no mesmo  
sentido e pela sua mão, voltando-a  
e destroçando-a parcialmente.

Após o choque, o automóvel aínda  
percorreu cerca de 30 metros e  
foi embater com uma casa de  
habitação já fora da estrada.

O condutor facturou várias  
costelas, a passageira sr.<sup>a</sup> D.  
Inês Irene dos Santos Fontes de  
Seixas sofreu ferimentos vários  
e outra passageira, sr.<sup>a</sup> D. Clara

São avós maternos o sr. José  
Gomes Morgado, considerado co-  
merciante em Olhão e a sr.<sup>a</sup> D.  
Maria de Lourdes Romeiro Mor-  
gado e paternos o nosso preza-  
do amigo e conceituado assinan-  
te, em Loulé, sr. Eduardo Correia  
e a sr.<sup>a</sup> D. Joana Passos Correia, es-  
tudante universitário.

São avós maternos o sr. José  
Gomes Morgado, considerado co-  
merciante em Olhão e a sr.<sup>a</sup> D.  
Maria de Lourdes Romeiro Mor-  
gado e paternos o nosso preza-  
do amigo e conceituado assinan-  
te, em Loulé, sr. Eduardo Correia  
e a sr.<sup>a</sup> D. Joana Passos Correia.

Aos felizes pais e avós endere-  
çamos os nossos parabéns e for-  
mularmos votos de risonho futuro  
para a sua descendente.

### FALECIMENTOS

Com 67 anos de idade, faleceu  
nesta vila, no passado dia 22 de  
Janeiro, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de  
Assunção Morgado de Brito, es-  
posa do sr. José Joaquim de Brito  
e mãe da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lucília  
Morgado Sacramento e do sr.  
José Morgado de Brito, residente  
em Marrocos.

Faleceu há dias, em casa  
de sua residência, nesta vila, o  
nosso conterrâneo, sr. Bento José  
Martins, solteiro, comerciante,  
que contava 68 anos de idade e  
era irmão das sr.<sup>as</sup> D. Maria Ben-  
to Martins Rufino, D. Carlota  
Joaquim Martins, D. Jesuina  
Barros Martins, D. Ilda Martins,  
D. Fernanda Barros Martins Ma-  
rinho e do nosso prezado amigo  
e assinante, sr. Gervásio Barros  
Martins, conceituado comercian-  
te na Amadora.

As famílias enlutadas endere-  
çamos sentidas condolências.

### COMUNICADO

Aproveitemos ao menos a lição

(Continuação da 3.ª página)

todos de acordo em que, apesar  
de tudo, a «batalha» devia ter si-  
do «travada», pois os interregnos  
só podem acarretar prejuízos, em  
vez de benefícios. Os louletanos  
difícilmente se conformaram, com  
a não realização do seu Carnaval  
e nós compreendemos quanto isto  
terá custado a quem (há 20  
anos) teve a feliz iniciativa de  
fazer ressurgir as tradicionais

Batalhas de Flores de Loulé: o  
actual Provedor do Hospital sr.  
Manuel Guerreiro Pereira.

Passados os 3 dias de Carnaval,  
com uma temperatura quase  
estival e notada a enorme afluên-  
cia de forasteiros que se deslo-  
caram ao Algarve para apreciar  
o espetáculo maravilhoso das  
amendoas em flor, num apo-  
geu que se diz não ter par neste  
século, ainda mais os louletanos  
se sentiram feridos no seu amor  
próprio e na sua dignidade, pois  
era facilmente previsível uma vol-  
lomosa receita para o seu Hos-  
pital e ter-se-iam realizado boas  
transacções comerciais.

Com o relato de todos estes  
factos pretendemos deixar clara  
a nossa opinião de que deve ser  
encontrada uma solução para  
garantir a continuidade das nos-  
sas Batalhas de Flores, pois o  
mal que lamentamos agora não é  
de hoje, nem de ontem — porque  
vem de longe. É preciso, é neces-  
sário, é urgente fazer alguma  
coisa para se acabar de vez com  
esta incerteza de se fazer ou não  
a Batalha de Flores.

Não venham dizer-nos que a  
vida está difícil, que o dinheiro  
escasseja. São razões que não  
convencem ninguém, porque o  
povo gosta, quer, sente que pre-  
cisa de divertir-se. Refilará se  
tiver de pagar mais 10\$00 de con-  
tribuição, mas gastará de boa  
vontade 100\$00 para se distrair  
uma noite.

### COMUNICADO

Lembramos

todos os nossos assinantes que  
desejam pagar as suas assinaturas  
anualmente, a conveniência de nos  
avisarem, evitando assim que façamos a cobrança de 3 em  
3 meses.

No entanto, porque são muito  
elevados os encargos com os ser-  
viços de cobrança, ficamos muito  
gratos aos nossos preizados assinantes  
que queiram ter a gentileza de nos  
enviar directamente ou por intermédio de familiares  
as respectivas importâncias, que  
são as seguintes:

Trimestre . . . . .	7\$00
Semestres . . . . .	14\$00
Ano . . . . .	25\$00
> (África e Brasil) . . .	30\$00
> > > Avião . . . .	60\$00
Estrangeiro . . . . .	37\$50
> > Avião . . . . .	85\$00

Bertha Elise Gottschalck, de na-  
cionalidade alemã, ficou em es-  
tado de coma, falecendo horas de-  
pois no Hospital de Loulé, para  
onde os 3 feridos foram trans-  
portados.

O condutor da carroça nada so-  
freu.

### Custa tão pouco baixar os faróis...

Um automóvel, conduzido pelo  
seu proprietário, sr. Adelin Van  
Den Driesch, de nacionalidade belga,  
que entra pela fronteira de Vila Real  
com destino a Albufera, onde ia passar 3 meses,  
acompanhado de sua filha, chocou  
há dias contra uma carroça, no  
sítio da Maritenda, por o seu  
condutor se ter encanado com os  
faróis de outro automóvel com  
que se cruzou.

A carroça era conduzida pelo  
seu proprietário, sr. Manuel Pe-  
reira Viegas, de Vale Judeu, que  
era acompanhado de sua mulher.  
Embora a carroça estivesse de-  
vidamente iluminada, o contrá-  
rio do que acontece com assustado-  
ra freqüência, bastou a impre-  
vidência de um estúpido automo-  
bilista que não se deu «ao tra-  
balho» de baixar os faróis para que  
ocorresse mais um lamentável de-  
sastre.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça ficaram ligeiramente fe-  
ridos.

A P. V. T., tomou conta das  
ocorrências e fez as respectivas  
participações no Tribunal de Lou-  
lé.

## GUARDA-LIVROS OFERECE-SE.

Nesta redacção se  
informa.

# Banco Pinto & Sotto Mayor

Está publicado o Relatório des-  
te prestigioso instituição Bancá-  
ria, o qual contém, além dos nú-  
meros do Balanço e outros que  
interessam à apreciação da sua  
actividade, uma bem elaborada  
síntese das situações económicas  
da Europa Ocidental, dos E. U.  
A. e do nosso País.

Quanto à primeira, afirma-se  
que os países reunidos na C. E.  
E. continuaram a beneficiar de  
situação favorável apesar de certas  
sombras, como, penitária de  
mão-de-obra, pressões inflacionis-  
tas e consequentes altas de  
preços e balanços comerciais de-  
ficitários. Os elementos actual-  
mente disponíveis permitem con-  
tudo concluir que 1963 «tenha-  
do» um bom ano, que levará  
certamente à aceleração de me-  
didas de integração económica  
dentro do C. E. E., mas que talvez  
não sejam propiciadoras a um  
alargamento do âmbito ge-  
ográfico da comunidade.

O mesmo não aconteceu com  
os países da E. F. T. A. cuja  
evolução económica não foi, no  
conjunto favorável, reflexo da  
nova entrada da Grã-Bretanha no  
Mercado Comum, sem embargo  
de se terem registado progressos  
em Portugal, na Noruega e na  
Austria.

Quanto aos E. U. A. espera-se  
que 1963 tenha sido um bom ano.  
O produto nacional bruto estava  
a aumentar, esperando-se uma  
subida da mesma ordem da de  
1962, já situado a um nível mais  
alto do que os anos anteriores.

Embora a carroça estivesse de-  
vidamente iluminada, o contrá-  
rio do que acontece com assustado-  
ra freqüência, bastou a impre-  
vidência de um estúpido automo-  
bilista que não se deu «ao tra-  
balho» de baixar os faróis para que  
ocorresse mais um lamentável de-  
sastre.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça ficaram ligeiramente fe-  
ridos.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça ficaram ligeiramente fe-  
ridos.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça ficaram ligeiramente fe-  
ridos.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça ficaram ligeiramente fe-  
ridos.

A felicidade não foi de gravida-  
de, pois os ocupantes do automó-  
vel nada sofreram e os da  
carroça

# Os Técnicos de Contas

(Continuação da 1.ª página)

dão quem aptamente tem desempenhado um cargo que lhe foi conferido pela entidade patronal em condições, ao tempo, absolutamente «legais» e patrocinadas pelo competente Sindicato?

Se é à Empresa que cabe a responsabilidade material pelo cumprimento da Lei, se a ela cumpre o pagamento de multas por anomalias que a «incompetência» do seu técnico execute, a quem deve mais interessar do que à própria Empresa que a sua contabilidade se organize convenientemente em respeito pelas exigências da Lei?

A nova Lei impõe à Empresa a opção de dois únicos caminhos a seguir:

1.º — O prático reprovado no exame terá de ser substituído por um diplomado e a Empresa contra sua vontade despedi-lo-á (e será obrigada a indemnizá-lo) perdendo a colaboração de um empregado que ganhou a sua confiança sob o ponto de vista técnico moral, para arriscar-se à admissão de um diplomado cuja técnica e teoria geral pode não compensar a prática e experiência do sector e cuja moral seja uma incógnita. Tal pode não convir à Empresa mas talvez que este seja o caso que o fisco mais admite convir-lhe. Não, porém, o que mais interessa à moral e justiça social ao votar-se o chefe de Família ao desemprego.

2.º — O prático reprovado continua ao serviço em condições desmoronadoras de «irresponsável» e a perfílioção do seu trabalho, sob o ponto de vista de interesse fiscal, passa para ele a ser secundário. Neste caso a Empresa recorre, no final do ano, a um diplomado exercendo a profissão nas condições liberalas previstas no código do Imposto Profissional e, porque àquele não é possível, em função do tempo e do número de «clientes» que a ele recorrem, fazer um exame minucioso e consciente à escrita que lhe permita, com seriedade, assinar o respectivo Balanço, assimará este de cruz.

Sabe-se que em condições semelhantes noutros campos profissionais tais casos são frequentes. Daqui resulta um inconveniente ao interesse do Fisco pois, ao pretender este criar em cada técnico um seu colaborador, antes cria no «irresponsável» executante uma naturalíssima reacção de desinteresse.

Asim, ao cabo a Portaria 20.317 criou uma situação de opção à Empresa que não é a mais conveniente aos interesses fiscais a não ser que, como objectivo paralelo, a portaria procurasse assegurar, sem respeito pelos lesados, a colocação dos diplomados que anualmente saem das escolas superiores, ou pelo menos a garantia de receitas eventuais.

## Quarteira

VENDE SE um prédio urbano em Quarteira.

Presta esclarecimentos: — D. Cândida de Jesus Rita — Rua S. Gonçalo de Lagos — QUARTEIRA.

## SELEÇÕES do READER'S DIGEST

Vende-se colecção completa desde o ano de 1945.

Informa Monteiro Martinho — Avenida José da Costa Mealha, nº 135 — Loulé.

## Valorize a sua Propriedade dotando-a de água

### GILBERTO MENDES DIAS Empreiteiro de Poços e Sondagens

Tem a satisfação de participar a todos os Srs. proprietários que acaba de adquirir uma moderna e potente broca de grande alcance, que lhe permite executar com rapidez e eficiência os diversos trabalhos de sondagens, poços ou arcos.

Se deseja água na sua propriedade  
NÃO DEIXE DE CONSULTAR

Gilberto Mendes Dias - Loulé-Gare

cuja experiência neste género de trabalho, são garantia de perfeição e segurança.

Agora — a preços ainda mais acessíveis

# Câmara Municipal do Concelho de Loulé ANÚNCIO

## Concurso Público para Arrematação da Empreitada

### «Abastecimento de Água a Quarteira Aproveitamento das Novas Captações — 1.ª Fase — Condutas Elevatórias e Modificações das Casetas junto aos Furos JK2 e JK1 - A.

Faz-se público que no dia 26 do corrente mês de Fevereiro, pelas 16 horas e 30 minutos, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal de Loulé, perante a mesma Câmara, se procederá ao concurso público para arrematação da empreitada relativa à obra indicada em epígrafe.

A BASE DE LICITAÇÃO É DE . . . . . 235.520\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de haver sido feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais ou agências, o depósito provisório da quantia de 5.888\$00 (cinco mil oitocentos oitenta e oito escudos), mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo que figura no processo do concurso.

O depósito definitivo é de 5 por cento do valor da adjudicação.

O processo do concurso, incluindo o respectivo projeto, programa do concurso e caderno de encargos, encontra-se patente na Secretaria desta Câmara Municipal, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

As propostas dos concorrentes deverão dar entrada na Secretaria da Câmara Municipal de Loulé até às 15 horas do dia do concurso.

Paços do Concelho de Loulé, 5 de Fevereiro de 1964

O Presidente da Câmara,  
José João Ascensão Pablos

«A VOZ DE LOULE»  
N.º 293 — 16-2-1964

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

### ANÚNCIO 1.ª publicação

O Doutor José António Carapeto dos Santos, Meticíssimo Juiz de Direito na Comarca de Loulé. Faz saber que, no dia DEZ-NOVE do próximo mês, de MARÇO, pelas ONZE HORAS, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do Quinto Juizo Cível da Comarca de Lisboa e extraída dos autos de EXECUÇÃO POR CUSTAS que o Digno Agente do Ministério Público move contra JOSÉ FELIZARDO VIEGAS, casado, proprietário, residente no lugar e freguesia de Quarteira, desta comarca, se há-de pôr pela primeira vez em praça e arrematar a quem maior preço oferecer acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado àquele executado: — Uma propriedade de terra de semear e arenoso, com árvores, nora e tanque, no sitio do Semino, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé. Vai à praça no valor mínimo de TREZENTOS MIL ESCUDOS.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde, durante a doença que a vitimou, que acompanharam o seu funeral ou, de qualquer modo, manifestaram o seu sentimento, vem por este meio, exprimir a todos o seu reconhecimento mais profundo.

Loulé, 31 de Janeiro de 1964

O escrivão de direito  
da 1.ª Secção  
(a) Joaquim Guerreiro Brasão  
Verifiquei

O Juiz de Direito  
(a) José António Carapeto dos Santos

### † Agradecimento

A família de Mécia da Conceição Barros, no receio de, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas, agradecer directamente